



O S A P O

por Wender Urias

Tem um sapo engasgado na minha vida. Ele me atormenta a existência. Não salta, se esconde; não coaxa, silencia-se. É um sapo que não engulo, está camuflado entre as coisas em decomposição. Já o despachei para longe, mas ele sempre retorna.

Esse bicho não salta, não pula, apenas aparece e diante dele encaro o vil, o repulsivo e o pusilânime.

Nos sonhos fantásticos de Quintana os sapos são incríveis acrobatas, que despertam a inveja dos imponentes elefantes. Mas este sapo não é metafórico, nem metafísico, é marrom e rajado de verde. Gosmento e repugnante, não tem nada de poético e muito menos filosófico. Não é uma representação ou metáfora, é físico e assim permanece.

É um sapo que não se explica. Se fosse uma perereca, me apoiaria no bom e velho Sigmund. Mas é um sapo! Sei que na cadeia

alimentar tem papel de destaque, mas para mim é um estorvo e nada mais. Não me sensibiliza o fato de caçar moscas e pernilongos. Pois estes mato com incensos, repelentes e raquetes, mas contra o sapo não consigo levantar um dedo. Se coragem tivesse o esmagaria, mas por compaixão ou recalque apenas indico o caminho da rua.

Não levanta bandeiras, mas invade meu quintal. Fica na fronteira da propriedade, rente ao muro. Camufla-se entre as folhas e se esconde no gramado. É um sapo gosmento, feio e persistente. Três vezes botei-o para fora e por quatro retornou.

Pergunto-me: por quê? Por que comigo? O que eu fiz? Dentre tantos lotes e diversos quintais, por que ele encasquetou com o de número 63? É um inquilino repulsivo, não o suporte mais!

Inferno. Ou some o sapo ou mudo eu.